



José Cardoso Pires

MOZART, O POETA E O CÃO-POLÍCIA

Antes de mais nada, abro a prosa com lugar e data bem à vista: Londres, High Street Kensington, Inverno de 1980, por sinal um dos mais frios que passei naquela cidade. Cama reforçada de cobertores, o aquecedor de gás ao rubro e eu a escrever um conto noturno para o "Le Monde Diplomatique", intitulado "Os Passos Perdidos".

Estava, portanto, todo em cima do papel quando, para espanto meu, me bate à porta uma voz portuguesa: "Senhor Cardoso Pires?"

Fui abrir e dei de caras com um desconheci-

Descobriria-me ali porque morava no mesmo prédio e vira o meu nome na caixa do correio ao fundo da escada. A partir daí o Gaspar de Campo de Ourique passou a visitar-me com presentes de garrafas de "whisky", umas atrás das outras. Trabalhava por conta dum Mozart lusitano que negociava em automóveis desertores e em viagens para emigrantes, um pianista célebre com alma de aventureiro.

do sorridente, acompanhado dum exemplar da "Balada da Praia dos Cães". Gaspar, chamava-se o homem. Júlio Gaspar, nascido e criado em Campo de Ourique e residente em Londres há quase vinte anos. Descobriria-me ali porque morava no mesmo prédio e vira o meu nome na caixa do correio ao fundo da escada. Além disso, conhecia-me dos livros, de alguns pelo menos, como comprovava por aquele que me trazia para autografar.

Pronto, vizinhos mais próximos era impossível. A partir dali o Gaspar de Campo de Ourique

passou a visitar-me com presentes de garrafas de "whisky", umas atrás das outras, e a contar-me a sua vida com apontamentos de literatura pelo meio. Não bebia, os livros eram o seu álcool, confessou-me ele com aquele sorriso travesso que o tornava tão lisboeta, tão Campo de Ourique. Por outrolado fazia poemas, quer dizer, alinhava versos, mas sempre à maneira do António Nobre, que era um fantasma que não parava de o perseguir.

Quanto ao viver, encolhia os ombros. Desencascava-se. "Metia golpes", explicou-me ele à segunda ou terceira visita, com a naturalidade de quem assina uma declaração profissional. Tanto trabalhava supermercados (e eu pensei logo nas garrafas de "whisky" que se alinhavam na prateleira à nossa frente) como trafalhava em negócios de ocasião. Telefonemas por meio pataco não eram segredo para ele, e descreveu-me o truque da moeda entalada; parar o contador do gás também não oferecia dúvidas e para demonstrar dirigiu-se logo ao meu, mas aí impediu-me a gentileza com recusas agradecidas; depois abria qualquer porta com um simples cartão plastificado e provou-me ali mesmo que sim; e no dia em que o meu televisor se avariou, apareceu-me logo com outro novinho em folha.

Um mecenas tão generoso assustava qualquer escritor e eu comecei a preparar as malas para lhe fugir dos horizontes.

Consegui? Nem pensar. Um domingo, à saída do metro de Watford, lá em cascos de rolha, sinto-me agarrado por ele e, claro, enfiámos logo num "milk-bar" para festejar o encontro.

Agora, vim a saber, o Gaspar com alma de poeta trabalhava por conta dum Mozart lusitano que negociava em automóveis desertores e em viagens para emigrantes. Era um pianista célebre, neste caso com alma de aventureiro, de quem eu já ouvira falar com certeza: Sérgio Varela Cid.

Sérgio Varela Cid? Mas claro que sim, na música portuguesa era um nome reconhecido internacionalmente, disse eu.

"Um Mozart, salvo seja", acrescentou o Gaspar de Campo de Ourique. "Começou a carreira ainda criança, como o Mozart, e fez concertos nas melhores salas do mundo. Pelo menos é o que ele diz."

E eu: "É verdade. O Moiseivitch tinha a maior admiração por ele."

"Pois", disse o Gaspar. Fez uma pausa, e a seguir: "Só que o Mozart agora, em vez das notas musicais, trabalha dólares à máquina e já tem a entrada cortada numa data de países. Fiz-me compreender?"

E vieram os pormenores. O Mozart a solfejar cheques sem cobertura, o Mozart em eclipses repentinos quando chegava o fun do mês, o Mozart a viver num palacete arruinado, algures em Elephant and Castle, com uma criada e um galgo russo, o Mozart a chantagear um pido fugido ao 25 de Abril que lhe servia de escudeiro.

"Um pido?"

Gaspar soltou uma gargalhada:

"Um pido, um transmontano com cara de cão que só lhe serve para fazer punhetas ao galgo. Verdade. O maestro, que é todo aristocrata, tem a mania que o bicho há-de morrer virgem ou então não o quer misturado com cadelas doutra raça, nunca percebi. De maneira que pôs o pido a funcionar. O sacana do cão tomou-lhe tal gosto que já não quer outra coisa."

Aquele foi o meu último encontro com o poeta malas-artes de Campo de Ourique. De Sérgio Varela Cid soube mais tarde pelos jornais que tinha desaparecido de morte misteriosa algures na América do Sul. Mas quando penso nele, vejo-o num palácio arruinado a vigiar um pido que lhe masturba o cão com cumplicidade natural e na obediência devida. ●